mos ver progredir a todo o transe, honrando os socialistas.»

A confissão, acima transcrita da *Voz do Povo* do dia 30 de Julho, ultrapassa tôdas as dúvidas que sôbre tais criaturas possam existir; mas é possível que os nossos súcios continuem a dizer que são os anarquistas que os difamam. Não nos damos ao cuidado de verificar as razões que levaram o sr. M. J. da Silva a pôr em cheque o carácter dos seus correligionários; sòmente nos apraz registar neste momento o que acima fica dito. Isto para ver como descalçam a bota na verborreia das eleições municipais.

Sermões ao ar livre

Uma guerra imperialista não é forçosamente caracterizada pela conquista de territórios—forma clássica do imperialismo político. O imperialismo moderno tem vários outros modos de alcançar os seus fins—a conquista ou conservação de mercados, a destruição ou enfraquecimento dum concorrente perigoso, a obtenção ou alargamento de vantagens comerciais e aduaneiras, de «zonas de influência». E êsses modos são mais hábeis, mais práticos, mais suaves, menos dispendiosos e menos arriscados, —mais «modernos», em suma, — do que o domínio político directo dos países e regiões.

O próprio domínio completo dum país pode ser exercido sem anexação, nem ocupação militar, nem administração directa. Olhemos, por exemplo, para... a Grécia, onde, segundo as últimas notícias, o Govêrno se via grego por falta de fundos:—tinha apenas 360:000 francos para o mês de setembro, em vez de 20 milhões que necessitava para pagamento aos oficiais e funcionários públicos e despesas urgentes do Estado.

¿Que há-de fazer um pobre Govêrno nesses apertos, senão oferecer os seus serviços a um dos poderosos dispensadores do maná celeste e governamental?

Em todo caso, se a luta entre dois imperialismos rivais terminar pela vitória decisiva e esmagadora de um deles, vereis que as anexações virão com o resto, sobretudo se envolverem importantes linhas férreas e importantes saídas para o mar. Tôdas as juras solenes e tôdas as grandes frases serão oportunamente esquecidas — ou antes, servirão mesmo para justificar tôdas as conquistas e anexações, em nome da liberdade dos povos e do princípio das nacionalidades, para castigo do criminoso adversário, para libertação dos mares, para aniquilação do militarismo... inimigo, para redenção de territórios que a «nossa» tradição reclama e onde restam ainda meia dúzia dos «nossos».

Assim, vemos na Alemanha, apesar da hipocrisia oficial e social-democrática, potentes oligarquias reclamarem vastas anexações e desmembramentos, que obstem à pronta reconstituição do poderio inimigo e especialmente do despotismo naval britânico.

Do outro lado, são fracções numerosos e influentes exigindo, com análogo fundamento, a dispersão de impérios, a fronteira do Reno, a cessão de províncias. E' o ex-presidente de ministros Barthou proclamando que a Bulgária há-de largar mais que o que tirou à Sérvia. São os «intervencionistas» italianos, anunciadores da «guerra revolucionária e antimilitarista», escrevendo agora (*Popolo d'Italia*, 3 de Agôsto):

«As nações da *Entente* estão em guerra para defesa dos ideais. Exactíssimo. Mas não é menos exacto que cada uma delas procurou conciliar ideais e interesses, salvaguardando com igual energia uns e outros. A Inglaterra conquistou no Oceano, na Asia e na Africa imensas extensões de território. A Rússia está absorvendo a Turquia asiática e o Japão a China. Quanto à França, teve um quinhão bastante modesto no banquete, mas Jean Herbetie propõe desforrar-se económicamente com taxas sôbre as indústrias, a agricultura e o comércio da Alemanha.

«Nós não condenamos a política dos aliados. Os povos não podem viver só de ideais.

«Mas porque se insiste em exigir da Itália, só da Itália, que de ideais viva? Porque é que—enquanto os outros povos, com oportuna sagacidade, cuidaram de compensar em parte as despesas de guerra com a conquista de terras inimigas—porque é que só a Itália, que não conquistou nenhuma terra alemã ou turca, havia de renunciar a terras nacionais?»

E depois, por causa dessas e outras, teremos a paz... armada. «Nós e os nossos aliados — escreve *The Times*, em 25 de Agôsto,—acabaremos por ser uma potência militar tam formidàvelmente equipada em homens e material, que jamais a Alemanha, durante a presente geração poderá fazer-nos guerra». E então é que o povo (não os «povos»), se tiver paciência para suportar a carga, há-de viver só de ideais.

ZENO VAZ.

TIERRA Y LIBERTAD

Semanário anarquista que se publica em Barcelona. Preço 20 réis. A' venda na redacção de «A Aurora».

Nas horas vagas...

Duma correspondência para um jornal do Brasil: «Antes da guerra, o teatro de Gabriel d'Annunzio era uma fonte inexgotável de troças para todos os autores de revistas, que se representavam em Paris. «Cabarets» e teatros não perdiam êsse regalo fácil. Depois da guerra, por consideração especial ao que o poeta fez, incitando a Itália a entrar no conflito, a situação mudára.» O teatro de d'Annunzio é agora muito apreciado naquela cidade. A própria *Comédie Française* vai servi-lo ao público. Bela paga, não há dúvida, do infatigável trabalho que teve o *convencido* guerrista.

Depois a guerra é uma guerra pelo triunfo da Civilização, do Direito e da Justiça... Como afirma *Qualquer* e seus consortes.

Coisas esquecidas: «Aos ingleses, afigura-se-lhes que para terminarem com a guerra no Transvaal, só há um meio: exterminar os bures. E para levar à prática o seu intento adotaram medidas muito eficazes. Assim, em tôda a parte onde penetram as suas tropas, incendeiam as aldeias, as granjas e as colheitas; e os habitantes, incluindo mulheres e crianças, são reduzidos ao cativeiro, e amontoados, quase nús em campos de concentração. Ali, dão-lhes comida insuficiente para se alimentarem, pelo que a mór parte dos prisioneiros bem depressa morrerá à fome.

«Segundo estatísticas oficiais, a mortalidade anual, era, em Junho de 1901, de 109 por 1.000; em Julho, de 180; em Agôsto de 214; em Setembro de 264. E quanto ás crianças acusa a estatística uma mortalidade de 433 por 1.000. *Le Temps* de 3—9—901.

Estão para breve as eleições municipais. E visto que a raça dos tranças parlamentares, com o fim de levar a água ao seu moinho, já anda a acenar aos trabalhadores com a *soberania popular*, acho oportuno transcrever êste bocado de prosa, saída da pena dum indivíduo que não é anarquista. Leiam-na e vejam se não encerra verdades como punhos:

«A soberania popular é uma pura ficção, porque o povo soberano continua sofrendo a dura dependência do poder despótico de muitos, pela centralização dos poderes nas mãos dalguns privilegiados, que, egualmente, esquecem as misérias do povo para viverem cercados de tôdas as comodidades.

«O povo é vítima das leis que outros fazem, vítima do poder absoluto que eles se arrogaram: dos seus poderes de soberano, resta-lhe obedecer cègamente às leis que não fez e desaprova, e às imposições de seus executores que não apoia. Gritando contra uma aristocracia que o oprimia e ofendia, vê aparecer uma nova aristocracia, muito mais opressora e mais ousada—a aristocracia política. —*A. A. de Moura Teixeira.*

PEDRO GUIMARÃES.

Impressões

A bambochata da Social

Segundo as crónicas, a centavo por folha diária, mais uma vez a *invicta civis* pôz à prova, no última dia do mês passado, a sua tradicional e costumada hospitalidade. Adentro dos restos históricos das suas antigas muralhas, é recebido, com pompa, o deputado socialista dr. Costa Júnior.

A rua e o grémio político da democracia social, confundem-se em homenagens com alguns trabalhadores organizados, onde os bernardos lencastres do partido não pouparam esforços à manifestação espontânea...

E' natural! Em todos os tempos os ídolos do povo teem-se sabido impôr à multidão que, esquecida de si própria e daqueles que a escarnecem e enganam, faz romagem a tôdas as festas, deixando-se arrastar, sempre alegre e contente, pelo entusiasmo de videirinhos comparsas.

A visita daquele parlamentar a esta cidade mais uma vez veio pôr a descoberto o valor dos seus elementos e a sua acção.

Covardia, decadência moral e nada mais!

Não gostam, eu bem sei, que se fale assim. Mas como fazê-lo doutra forma?

Em tempos, não muito distantes, ainda os serafins do luso paraízo, escudados na fôrça e valor das massas, tinham coragem para atacar os privilégios do seu tempo. Ora na imprensa, pelo jornal, pelo panfleto, pelo livro e pela folha volante; ora na praça pública, no comício ou na conferência, davam livre expansão ao seu pensamento, levando o povo a opôr a fôrça e a violência às fúrias canibalescas da polícia ou às brutalidades da municipal.

Mas tudo mudou! Hoje a atitude dos novos conselheiros municipais e sociais, que pretendem alcançar o generalato dos exércitos populares, é bem diferente. Enquanto aqueles ensaiavam gestos altivos e simpáticos por vezes, estes mostram a fraqueza das suas fôrças, a pusilanimidade dos seus actos e a sua acção de desconfiança.